

A Presença de Sete Sinais: Estudo Bíblico e Teológico de (Jo 4, 5a.6a.6c.7b.18ab.21c.39b).

The Presence of Seven Signs: Biblical and Theological Study of (John 4, 5a.6a.6c.7b.18ab.21c.39b).

José Ancelmo Santos Dantas

<http://lattes.cnpq.br/9340615501908717>

Resumo

Este estudo propõe uma nova leitura simbólica do Evangelho de João, questionando a ideia tradicional de que há apenas sete sinais na narrativa joanina. A partir de uma análise bíblico-literária de João 4,5a; 6a; 6c; 7b; 18ab; 21c; 39b, identificam-se sete novos sinais, que revelam camadas profundas da teologia do Quarto Evangelho. Utilizando uma abordagem hermenêutica sincrônica e explorando a riqueza simbólica do texto, o estudo destaca elementos como "o lugar" (v. 5a), "o local" (v. 6a), "a hora" (v. 6c), "sinal e símbolo" (v. 7b), "a matemática" (v. 18ab), "adoração" (v. 21c) e "discipulado" (v. 39b). A análise demonstra que o encontro de Jesus com a samaritana não apenas reforça a unidade literária do Evangelho, mas também amplia a compreensão dos sinais joaninos, convidando o leitor a uma imersão mais profunda na dinâmica do tempo, do espaço e do discipulado na tradição cristã.

Palavras-chave: Evangelho de João, sinais, Jesus, Samaritana, Poço de Jacó.

Abstract

This study proposes a new symbolic reading of the Gospel of John, questioning the traditional idea that there are only seven signs in the Johannine narrative. From a biblical-literary analysis of John 4,5a; 6a; 6c; 7b; 18ab; 21c; 39b, seven new signs are identified, which reveal deep layers of the theology of the Fourth Gospel. Using a synchronic hermeneutic approach and exploring the symbolic richness of the text, the study highlights elements such as "the place" (v. 5a), "the place" (v. 6a), "the time" (v. 6c), "sign and symbol" (v. 7b), "mathematics" (v. 18ab), "worship" (v. 21c) and "discipleship" (v. 39b). The analysis demonstrates that Jesus' encounter with the Samaritan woman not only reinforces the literary unity of the Gospel, but also broadens the understanding of the Johannine signs, inviting the reader to a deeper immersion in the dynamics of time, space and discipleship in the Christian tradition.

Keywords: Gospel of John, signs, Jesus, Samaritan woman, Jacob's Well.

Introdução

Com um esquema literário bem diverso daquele apresentado nos três primeiros evangelhos – Marcos, Mateus e Lucas –, o Evangelho de João ensina desde o início a arte de poetizar ao seu leitor. E ele o faz por meio de uma linguagem 'dualista espacial'¹, estilisticamente bem-preparada e definida, demonstrando, assim, que a prosa também constitui um recurso expressivo poderoso na poética bíblica. Além disso, termos proferidos por Jesus ou atribuídos a ele farão, ao longo desse itinerário, toda a diferença.

Tabela 1: Os sete sinais são encontrados na primeira parte do livro

(Jo 2,1-10)	A transformação da água em vinho, em Caná.
(Jo 4,46-54)	A cura do filho do funcionário do rei.
(Jo 5,1-9)	A cura do enfermo (paralítico) em Betesda.
(Jo 6,1-13)	A multiplicação de pães e peixes.
(Jo 6,16-21)	Jesus caminhando sobre o mar da Galileia.
(Jo 9,1-41)	A cura do cego de nascença.
(Jo 11,1-46)	A ressurreição de Lázaro.

Fonte: produzido pelo autor, 2024

Sete foram os sinais operados por Jesus na primeira parte deste livro (Jo 1–11), mas, com este estudo, imagina-se que o leitor e o ouvinte, tendo aguçado seus olhos e ouvidos, poderão perceber que, nos quarenta e dois versículos do capítulo quatro desta obra, também há sete sinais. Nosso estudo situa-se entre o primeiro sinal (Jo 2,1-10) e o segundo (Jo 4,46-54), conforme a tabela acima. E mais: no misterioso e peculiar encontro entre Jesus e a mulher da Samaria (Jo 4), é possível visualizar sete pontos, bem sistematizados em sete versículos: (vv. 5a, 6a, 6c, 7ab, 18a, 39b, 21c). Esses devem ser compreendidos dentro de uma esfera sinfônico-literária. Faz-se necessária, portanto, paciência. Ou, dito de outra forma: delicadeza, sinônimo

¹ Cf.: BEUTLER, Johannes. *Evangelho Segundo João - Comentário*, Ed. Português. Edições Loyola, 2016. p.113.

de fineza e respeito diante do texto. Finura estilística e charme singular definem Jo 4,1-42. O texto quer falar. Deixemo-lo!

A reflexão apresentada, entretanto, não pretende esgotar o sentido profundo e abrangente da micronarrativa em Jo 4,5a. 6a. 6c. 7ab. 18a. 39b. 21c. Caso esta última seja apenas uma janela para que o leitor ou ouvinte, ao acessá-la, consiga se deparar com o horizonte da Palavra, então, certamente, a missão foi alcançada. Afinal de contas, o terreno literário é vastíssimo, conta com variados temas, que podem ser acessados de diversos modos e sob diversas perspectivas. O Quarto Evangelho é, no fundo, uma “mina”. O Cristo apresentado pode ser entendido, abraçado e até compreendido pelos caminhos dos “aromas”², por exemplo. Mas aqui, ele será hermeneuticamente compreendido diante de uma mulher cujo povo é considerado inimigo do povo judeu. Sabe-se, conforme o contexto histórico, que, em (722 a.C) com a – Queda da Samaria³ – coordenada pela Assíria, os judeus do Norte se contaminaram e, de lá para cá, os do Sul mantiveram inimizade acirrada com os samaritanos. Esse domínio perdurou por muitos anos. De 134 a 104 a.C., João Hircano subiu ao trono, mas não conseguiu mais reunir a nação nos moldes da monarquia centralizada.

Lugar: *Samaria*

O capítulo Quatro do Evangelho de João, tal como é apresentado, começa nos (vv. 1-3). Dentre estes, os (vv. 1-2) contribuem como cláusula menor⁴, com a temática que será tratada na macronarrativa de (Jo 4,3-42). O núcleo de informação ganha precisão circunstancial somente a partir do (v. 3): “Ele deixou a Judeia e foi novamente embora para a Galileia”. Esse mesmo caminho Jesus percorreu, quando em Jo 4,46 se diz: 'Jesus, então, veio novamente a Caná da Galileia'; desta vez para curar 'o filho de um oficial romano'. Mas a única via de acesso à Galileia (Norte) para quem parte da Judeia (Sul) – como é o caso de Jesus – era o caminho que atravessava as povoações da Samaria? Não existia outra possibilidade? Por que Jesus escolheu

² GRENZER, Francisca Antonia de Farias; GRENZER, Matthias. A untura de Jesus por Maria (Jo 12,3). *Revista Cultura Teológica*, São Paulo, v. 26, n. 88, p. 143–158, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i88.30937/21428>. Acesso em: 24 abr. 2025.

³ Capital fundada pelo rei Omri (886-875) Cf. (1Rs 16,24).

⁴ Sobre essa questão, o leitor poderá se aprofundar melhor no estudo dessa obra. Cf. MALZONI, Claudio Vianney. *Evangelho Segundo João, Comentário Bíblico*, p. 103-104.

este caminho? Nota-se, desse modo, um adendo que, ao que parece, é mais teológico e, portanto, se sobrepõe a uma situação meramente necessária.

Tabela 2. Citação do versículo e sua tradução

Em Grego	Versículo	Em português
«Τότε ἦρθε σε μια πόλη της Σαμάρειας».	(Jo 4,5a)	“Chegou então a uma cidade da Samaria”.

Fonte: produzido pelo autor, 2024

Antes de afirmar em (v. 5a) que Jesus chegou a uma cidade da Samaria, percebe-se incisivamente a insistência joanina de que: “Era preciso passar pela Samaria” (v. 4). É provável que: para o Quarto Evangelho, a necessidade de Jesus atravessar a Samaria seja mais teológica que geográfica-circunstancial. Observem a colocação do famoso verbo “era-lhe preciso” (*édei*), um motivo claro, mas se entendido numa perspectiva teológica. Além disso, o caminho, cujo acesso à Galileia compreendia a passagem pela Samaria, era “montanhoso”, para não falar na inimizade entre estes dois povos– Judeus x Samaritanos.

Parece que havia outra rota capaz de conduzir Jesus da Judeia para a Galileia – *ver mapa*. Conforme o mapa, é possível descer de Jerusalém para Jericó, atravessar o Jordão para o lado oriental, chegando no “famoso além Jordão”⁵. Em seguida, caminha-se ainda ao lado do Jordão, pendendo agora para o lado Ocidental e já estaria as portas do sul do mar da Galileia. Decerto, isso impediria Jesus de atravessar as famosas montanhas no caminho pela Samaria. É de se pensar literariamente falando que, tamanha teimosia lembra ao leitor do Quarto Evangelho a famosa profecia do Deutero Isaías (52,7): “Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que leva boas novas a Sião”. Mas até a presente cena é tão instigante que é capaz de levar aquele (a) que lê ou ouve esta insistência mais teológica do que “topográfica”⁶ de Jesus, a ponto de considerar que: Samaria seja a noiva e Jesus o “noivo”. Este a ouve, quando ela fala: “a voz do meu amado; ei-lo que vem correndo sobre os montes” (Ct 2,8).

⁵ Essa expressão em história de Israel significa o mesmo que: Transjordânia.

⁶ Em sua obra: *Evangelho Segundo João*, p. 113, Johannes Beutler entende que os seis primeiros versículos do capítulo quatro do Evangelho de João descrevem um movimento topográfico. Em nosso entender, este movimento vai além de uma simples topografia. Aí há inserido um conteúdo fortemente teologizado. BEUTLER, Johannes. *Evangelho Segundo João - Comentário*, Ed. Português. Edições Loyola, 2016. p.113.

Noutros momentos, os textos neotestamentários farão elogios contundentes à figura do Samaritano, da parte de Jesus. De um lado, sobre um filho deste povo, é dito que: “Mas um samaritano, que estava viajando, veio até ele e, vendo-o, teve compaixão, e aproximando-se, enfaixou suas feridas, aplicando azeite e vinho” (Lc 10,33). Mais ainda: “Um deles, vendo que tinha sido curado, retornou glorificando a Deus em alta voz e caiu com o rosto por terra aos pés de Jesus, agradecendo-lhe. E este era samaritano” (Lc 17,15-16). Mas, ao que parece, em (At 8,1-25) a Igreja, formada pelos discípulos de Jesus só conseguirá entrar no território do povo da “Samaria”, pós-ressurreição. Permanece insosso, somente, o verso mateano que diz: “Jesus enviou estes

Doze, após instruí-los, dizendo: não ireis pelo caminho dos pagãos, nem entrareis em cidade de samaritanos” (Mt 10,5). Fato é que, em João, os “samaritanos são bem-vistos”.

Em todo caso, o lugar – Samaria –, dentro da micronarrativa de (Jo 4, 5a. 6a. 6c. 7ab. 18a. 39b. 21c) constitui um primeiro sinal. De um lado, é o próprio Jesus quem deseja passar pelas povoações (v. 4) de Samaria (v. 5a). De outro, o lugar encontra-se desposado há tempos. Sua história pode ser comprovada (2Rs 17,24). Além do sofrimento causado pela colonização dos assírios, os samaritanos tiveram que conviver com a chaga do preconceito do judaísmo oficial.



É fato, o caminho pela “Transjordânia” (*para ilustração, ver mapa 01, página 04*), sobretudo à época, era de fácil acesso. Entretanto, ao sair da Judeia “quando soube que os fariseus ouviram dizer que ele reunia mais discípulos e batizava do que João” (v. 1), deixa o Sul e vai ao Norte. E o faz, de um lado, na condição de “mensageiro” (Is 52,7), de outro, na postura de “noivo” (Ct 2,8). Há um contencioso grave que precisa ser curado, um mal-entendido que precisa ser esclarecido e um novo pacto, talvez, a ser selado.

Figura 1 <https://www.avvenire.it/chiesa/pagine/a-piedi-da-nazareth-a-gerusalemme>

Neste verseto de (Jo 4,5a), Samaria será constituída em sinal, pois nela acabara de chegar aquele que é “do alto” (Jo 3,3b.7b.31a). Portanto, até aqui Jesus é apresentado com dados “locais e

ambientais”. Mas não somente! O Espírito que corre na “garganta” e no “raciocínio” ⁷ dele possui um dinamismo vívido e é este quem fá-Lo falar sobre o Pai. Muito em breve, expandirá a mulher da Samaria a partir de dentro. Tirando-a do individualismo bairrista e projetando-a ao coletivismo saudável, podendo fazê-la sentir-se irmã numa “comunidade de irmãos”. Jesus quebra o preconceito de raça, cor e credo religioso.

Samaria – historicamente⁸ – foi muito criticada, mas não apenas no aspecto social, mas também no político e religioso. Sabe-se que por muitos anos os samaritanos subiam ao “monte Garizim”, aí, instalaram um Templo, a fim de rezar. O que se tornou um claro contraponto para a política e a religiosidade em Judá, na Judeia. Pois, no ver deste último, todos deviam descer e/ou subir para adorar ao verdadeiro Senhor em Jerusalém. Com Jesus, Samaria ganhará centralidade no culto e na liturgia, ocupando, portanto, o lugar da envelhecida Jerusalém? Imagina-se que, com o segundo sinal (Jo 4,6a), Samaria, primeiro sinal (Jo 4,5a), seja, no mínimo, palco para o encontro entre as duas alianças. E para isso, o Quarto Evangelho exigirá de seu leitor, atenção aos detalhes narrativos: local, um poço na cidadezinha de Sicar. E as “duas alianças” representadas por “Jacó e Jesus”. O primeiro, unido ao destino de José, e o segundo, ao destino de uma mulher, sendo o poço o nexo e o elo unificador entre ambos.

Local: Poço

Uma nova paisagem é apresentada ao ouvinte / leitor. A cena narrativa cresce em forma de espiral. A micronarrativa presente em (Jo 4, 5a. 6a. 6c. 7ab. 18a. 39b. 21c) aponta sete sinais. O primeiro deles encontra-se no (v. 5a), trata-se, como visto anteriormente, do local, ou seja, de Samaria. Agora, imagina-se que esta nova cena leve o leitor ao segundo sinal em (v. 6a) – (veja tabela abaixo) –.

⁷ Em hebraico os dois vocábulos significam espírito (רוח) e coração (לב), respectivamente.

⁸ Em (Es 4,1-5) e (Ne 4,1-3) o leitor encontra a divisão entre os povos, isto é, o povo das duas tribos do reino do sul, frente ao povo das dez tribos do reino do norte, pós-exílio. Também em (Es 9,1-15) e (Ne 9,1-37) há uma crítica contra os casamentos mistos. Crítica esta que pesa, historicamente, sobre o povo de Israel ao norte, cuja capital era Samaria.

Tabela 3. Segundo sinal em (v. 6a) e sua tradução

Em Grego	Versículo	Em português
«Εκεί ήταν το πηγάδι του Τζέικομπ».	(Jo 4,6a)	“Lá estava o poço de Jacó”.

Fonte: produzido pelo autor, 2024

No entanto, o (v. 5) ilumina, na medida em que explica, este segundo sinal: “Chegou então a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, próximo ao terreno que Jacó tinha dado a seu filho José”. Se assim for, “o campo que Jacó deu a José” (v. 5b) é biblicamente lembrado em (Gn 33,18; 48,22). Mais ainda: em (Js 24,32), (Jz 9,1-6) e (1Rs 12,1-33). Ora se diz que “Jacó chegou são e salvo à cidade de Siquém”; ora é dito que quando Israel estava em seu leito de morte, fez a seguinte promessa a José: “Quanto a mim eu te dou um Siquém”. Num terceiro momento se diz que: “os ossos de José, que os israelitas trouxeram do Egito, foram sepultados em Siquém”; até que em “Siquém Abimelec se autodeclara rei”, e, por fim, “tem-se a assembleia de Siquém, onde houve a separação entre as tribos do Norte das de Judá, após a morte de Salomão”. Quer dizer, o “local próximo ao terreno que Jacó comprou e deu a José” (v. 5b) só pode ser a cidade de Siquém⁹. O poço, dentro da micronarrativa de (Jo 4, 5a.6a.6c.7ab.18a.39b.21c), é um segundo sinal, que, na cena literária, se situa no (v. 6a). No presente estudo, optou-se pelo termo poço “*frear*”, mas existe também a possibilidade de usar o termo fonte “*pege*”¹⁰. As duas palavras aparecem no texto.

As histórias junto a um poço resultaram em laços de amor. Foi junto a um “poço” que, em (Gn 24,1-66) Isaac encontrou Rebeca; em (Gn 29,1-11), foi a vez de Jacó unir-se a Raquel; e, em (Ex 2,16-21), Moisés viu e recebeu para si Séfora. Ao que parece, além de “mensageiro que anda sobre os montes” (Is 52,8), “Jesus, cansado da viagem se aproxima do poço” (v. 6b) e sobre ele permanece sem pressa. Quer dizer, sentava-se (*ekathízeto*) com tempo suficiente, pois estava fatigado (*kekopiakos*). O cansaço de Jesus se evidencia, enquanto a fadiga aparecerá no Quarto Evangelho três vezes: (Jo 4,6.38; 12,24). No último caso, a fadiga será resultado da viagem ou do caminho que está sendo percorrido. Trata-se de um claro prelúdio da missão do

⁹ Este poço era muito profundo. Segundo dados arqueológicos, esteve em uso desde o ano 1000 a.C até 5000 d.C. Cf. MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João. Grande Comentário Bíblico*. p. 219.

¹⁰Cf. MALZONI, Claudio Vianney. *Evangelho Segundo João, Comentário Bíblico*, p.102. Desenvolve bem este horizonte temático.

discípulo. No sentido de que, quem optar este caminho, deverá cansar-se, diversas vezes. Mas quem ele, agora, no (v. 6a), simboliza? Certamente o “noivo”¹¹ mais “novo” que chegou! E veio para ficar! Se o poço representava todas as “instituições judaicas, a Lei, o Templo, a Sinagoga e, em seu centro, Jerusalém”, agora, esse lugar encontrou uma nova personagem, que não é a mulher, em primeiro lugar, mas aquele que a provoca: Jesus. Sua parada não significou uma pausa meramente cronológica. Ao chegar fatigado ao poço e parar para descansar, Jesus pretende apenas começar a 'inaugurar a colheita da alegria', que se iniciará com os samaritanos.

Hora: Meio-dia

A narrativa avança e, com ela, toma corpo sua estrutura literária. Naturalmente, o leitor ou o ouvinte do Quarto Evangelho sabe: pisa-se em um terreno simbólico¹². Neste último, tudo é ponto de partida para uma reflexão apurada. (Jo 3, 2) diz que: “um chefe dos fariseus, de nome Nicodemos, veio até Jesus durante a noite”. Embora o horário não seja mencionado, como o fará em breve (v. 6c), é fato que: o termo “noite” transmite a ideia de insegurança, incerteza, fracasso e medo. A noite oferece menos luz e isso impossibilita o vislumbre do sinal. O que dizer, por exemplo, da famosa pesca realizada pelos discípulos – sem Jesus – à noite (Jo 21,3)? Como classificar o sufoco de Maria Madalena que, de madrugada, ainda no escuro, “desorientada e aflita”(MARTINI, 2013, p.82) procura o salvador? Foi de “noite” que Pedro o negou (Jo 18,17-18), e Judas o deixou (Jo 13,30) e o entregou (Jo 18,3). O mesmo não se dá com a mulher da Samaria. Embora não seja dito o seu nome, apenas a sua nacionalidade, com esta última, o encontro foi diverso (veja tabela abaixo). Jesus sabia da necessidade de “trabalhar nas obras do Pai, enquanto é dia, vem a noite, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9,4). Pois, “se alguém caminha de noite, tropeça, porque a luz não está nele” (Jo 11,10).

Tabela 4. Citação versículo e sua tradução

Em Grego	Versículo	Em português
«Ἦταν περίπου ἡ ἑκτὴ ὥρα».	(Jo 4,6c)	“Era cerca da hora sexta”.

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

¹¹ COUTO, Dom António. *Quando ele nos abre as escrituras*. Portugal. Editora PAULUS, 2014. p.60.

¹² Entenda-se **simbólico** como linguagem capaz de elevar o significado do sinal. Ao que parece, no Quarto Evangelho, nos diversos sinais apresentados, há a imersão de um simbolismo ou mais até. Fazendo com que, cada sinal adquira maior qualidade hermenêutica.

Ao se aproximar da tabela, percebe-se que: o evangelista emprega taxativamente o vocábulo hora! “Era cerca da hora sexta” (v. 6c). Ou seja, meio-dia! Momento em que o sol se encontra escaldante, sobretudo, para quem habita em regiões desérticas ou semiáridas. Nesta mesma hora em (Jo 19,14) “condenaram Jesus à morte”. Além do mais, o leitor do Quarto Evangelho se recorda das inúmeras vezes em que, nessa grande macronarrativa (Jo 1 – 21), se fala da hora de Jesus. A Palavra hora aparece por 25 vezes no evangelho de João: (1,39; 2,4; 4,6.21.23.52(2x).53; 5,25.28; 7,30; 8,20; 11,9; 12,23.27; 13,1; 16,2.4.20.21.25.32; 17,1; 19,14.27). E, portanto, ganha centralidade nesta literatura, sendo classificada como o terceiro sinal.

Das vinte e cinco presenças (*vide citações acima*), somente três não tratam diretamente sobre a hora de Jesus. (Jo 4,52) diz duas vezes que: “Informou-se então com eles sobre a hora em que ele tinha ficado melhor. Disseram-lhe, pois: ontem, na hora sétima, a febre o deixou”. Refere-se à cura do filho do oficial romano. E, em (Jo 11,9) quando usa-se o estilo retórico da pergunta: “O dia não tem doze horas?” Jesus questiona, respondendo, ao saber sobre a morte do amigo Lázaro.

De um lado, imagina-se que o horário escolhido para ir ao poço seja digno de questionamento, por se tratar da hora sexta (v. 4,6c). De outro, entende-se o crescente da cena, por causa da necessidade biológica, e, portanto, humana de Jesus: “a sede dele” (DUFOUR, 1996, p.266). Em breve, a sede natural de Jesus será ponte para o diálogo fraterno e catequético. Apresentar-se-á, portanto, diante de um poço velho e pedirá para dele beber. Mas, muito em breve, na hora do Pai, que também será a hora dele (v. 6c), fará a mulher – representante do povo pagão – entender, que sede maior ela possui e não ele, pois, este último, ali está por ser “noivo” (Jo 3, 29), prestes a firmar pacto nupcial com a esposa (Os 1,2) que há décadas se entregara à prostituição e, desta relação, tivera filhos mestiços. No fundo, o leitor tem frente a seus olhos “o encontro do Messias com a Samaria”.

Por fim, trata-se de um sinal rico em conteúdo. “Era cerca da hora sexta” (v. 6c), o sol escaldante expunha a todos, sem exceção. Ali estava o “poço” (v. 6), o “noivo” (Ct 1,7), a “mulher” (v. 7a) e, com esta última, a classe de um povo, considerado aos olhos do Judaísmo oficial,

contaminado. Percebe-se que, a ida ao poço, por parte da mulher (v. 7a) indica que ela tem sede. E, se ela representa um povo, também este último tem sede. No entanto, sede de que? *Decerto, de água, uma vez que é a única coisa que se pode encontrar em um poço*. Porém, quem se sentou no poço, apresentou credenciais novas, talvez nunca visto na história. Não faz muito, a água havia sido transformada em vinho (Jo 2,4), por causa de Jesus. Agora ele a transformará em um dom (v. 10b).

Sinal e Símbolo: Água / sede

A altura literária deste acontecimento exige do leitor profunda atenção. (v. 7a) indica que quem inicia a cena é a mulher da Samaria. Porém, o início do diálogo não se deu por meio dela. Foi Jesus quem tomou a iniciativa (*veja tabela a seguir*). Mais ainda, o texto é claro quando descreve a razão que levou a mulher ao poço: “Uma mulher da Samaria veio tirar água” (v. 7a). À medida que o diálogo avança, o Quarto Evangelho esclarece que, de fato, água não era a única necessidade daquela mulher. Bastou ouvir Jesus dizer sobre a “água da vida” (v. 10c), pois, quem “desta água bebe nunca mais sentirá sede” (v. 14b), as necessidades foram imediatamente invertidas. (v. 7b) mostra Jesus dizendo: “dá-me de beber”, mas agora, em (v. 15a) é a mulher quem dirá: “dá-me dessa água”!

Tabela 5. Citação versículo e sua tradução

Em Grego	Versículo	Em português
«Ο Ιησούς του είπε: δώσε μου να πιω»!	(Jo 4,7b)	“Jesus lhe disse: dá-me de beber”!

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Quer dizer, a mulher inicialmente foi buscar água. Porém, o diálogo entre Jesus e ela, fê-la descobrir uma sede, ou uma expectativa profunda, acerca de temas como “o lugar do culto” e a “espera do Messias”(DUFOUR, 1996, p.267). Além do mais, o pedido de Jesus expresso em (v. 7b) constitui um novo sinal, pois, ao expor sua necessidade ele se torna “solidário com a necessidade de todo homem”(MATEOS; BARRETO, 1996, p. 221). Vejam: de um lado, o tema da água é precioso nas escrituras. Por ocasião da instituição, da formação e do envio dos doze, em (Mt 10,42) se diz que: “quem acaso der de beber a um destes pequenos um copo de água

fresca, só por ser meu discípulo – em verdade eu vos digo –, absolutamente não perderá a sua retribuição”. Ainda mais: em (Jo 2,7) “transformou as talhas de água em vinho”. Ou seja, Jesus sempre foi e ensinou aos seus a arte da “hospitalidade, acolhida e solidariedade” ”(MATEOS; BARRETO,1996, p.222). De outro lado, quando na cruz sentiu sede (Jo 19,28), os seus lhe deram vinagre (Jo 19,29). O homem jamais responderá à altura de Deus! Enquanto este deu vinho novo (Jo 2,10) e água nova (Jo 4, 10), aquele como resposta deu vinho podre (Jo 19,30) e água velha (Jo 4,11).

Há entre os (vv. 7-15) um “fluxo narrativo”, espécie de unidade literária onde se sobressaem as expressões: “tirar água” (7a); “dá-me de beber” (7b.10b); “pedes de beber” (9b); “daria água” (v. 10c); “beber da água” (v. 14a) e “dá-me essa água” (v. 15a). Sete vezes –número perfeito e, portanto, indicador ao leitor de que aqui, para o Quarto Evangelho, há a presença de mais um sinal. A tonalidade do conteúdo é sobremaneira sistemática. Além disso, Jesus está sozinho com a mulher (v. 27). Pronto para ser “bebida que sacia” (v. 14c) e “alimento eterno” (v. 34). Ou seja, enquanto os discípulos saem para comprar e consumir (v. 8a), Jesus ali está para abaixar-se ao nível daquela mulher (v. 7b), cuja dignidade estava ferida, por não ter marido (v. 17). Em todo caso, o estado da mulher parece ser mais estimado do que o estado de Nicodemos. Enquanto a mulher precisaria converter “sua água” para “água da vida”; Nicodemos ainda precisava aceitá-la. Seja dito também que: a presente unidade literária (vv. 7-15), ganha em centralidade por dois motivos. O primeiro trata da clara “oposição semântica por parte dos interlocutores” (DUFOUR, 1996, p.268), isto é, Jesus e a mulher. E o segundo aponta para os elementos inculcados na cena, ou seja, a “água” e a “água viva”.

Se a unidade literária em (vv. 7-15) ganha em centralidade, (v. 7b) pode ser considerado o núcleo dela. Aqui “sede física” mistura-se com “sede existencial”¹³, inclusive, ambas podem ser visivelmente apresentadas, a partir do esquema abaixo:

¹³ Johannes Beutler em sua obra: *Evangelho Segundo João. Comentário*. p. 116, utilizou os termos “carências físicas” e “lado espiritual”.

Necessidade Física de Jesus

Tabela 6. *Necessidade física de Jesus*

Em Grego	Versículo	Em português
«Ο Ιησούς, κουρασμένος από το ταξίδι του, κάθισε δίπλα στο πηγάδι».	(v. 6b)	“Jesus, cansado da viagem, sentou-se junto ao poço”.
«Ο Ιησούς του είπε: Δώσε μου να πιω!»	(v. 7b)	“Jesus lhe disse: dá-me de beber!”
«Οι μαθητές του είχαν πάει στην πόλη για να αγοράσουν φαγητό».	(v. 8a)	“Seus discípulos tinham ido à cidade comprar mantimentos.”

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Necessidade Missionária de Jesus

Tabela 7. *Necessidade missionária de Jesus*

Em Grego	Versículo	Em português
«Όποιος πει το νερό που θα του δώσω δεν θα διψάσει ποτέ ξανά».	(v. 14a)	“Quem beber da água que eu lhe darei não terá mais sede.”
«Το νερό που θα του δώσω θα γίνει μέσα του πηγή νερού που αναβλύζει για αιώνια ζωή».	(v. 14b)	“A água que lhe darei se tornará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna.”

«Ἐχω φαγητό να φάω που δεν το ξέρεις».	(v. 32b)	“Eu tenho para comer um alimento que vós não conheceis.”
--	----------	--

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Percebam que a estrutura literária (vv. 7-15), na qual se encontra a conversa de Jesus com a mulher da Samaria tem lógica, símbolo e charme. Tendo explicitado a sua necessidade (v. 7b) “dá-me de beber”, Jesus acaba de inaugurar um colóquio, cujo clímax será desconhecido para aquele que o lê pela primeira vez. Pois, de um lado, tem-se a imagem da mulher. Esta última, sequer atendeu ao seu pedido. Já ele, por sua vez, está duplamente sedento e faminto.

A mistura de humanidade com divindade por parte de Jesus, neste encontro, possibilita uma relação nas páginas sagradas. Sobre isto, outrora cantou a sabedoria de Israel: “Como a corça anseia por leitos de água, assim minha alma anseia por ti, ó Deus” (Sl 42,2)¹⁴. Aliás, por entre as laudas do Quarto Evangelho não se deve esquecer dos dois grandes sinais/milagres realizados junto à água. A cura do parálítico em (Jo 5,1-18) e a cura do cego de nascença em (Jo 9,1-41). E por fim, será o símbolo da água a responsável, por fazer Jesus de pé bradar, por ocasião da Festa das Tendias em (Jo 7,37): “Quem porventura tiver sede, venha a mim e beba”. Pois, do mesmo modo que “a água dada ao povo da Samaria por Jacó” (4,12) já não sacia mais a pessoa humana integralmente. A água que “brota do Templo” (Ez 47) já não preenche mais o rio. Agora, fome e água (sede) têm nome: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá fome, e o que crê em mim não terá sede, nunca mais” (Jo 6,35). Em suma, duas personagens – Jesus e a mulher – ao lado de duas águas – a “água do poço que ilude a sede e a água divina que dá a vida eterna” – evidenciam teologicamente a cena e a preparam para o cálculo da matemática divina.

Matemática: 5+1

O cenário continua o mesmo: situado na “cidade da Samaria” (v. 5a), em um “poço pertencente a Jacó” (v. 6a), por volta “da hora sexta” (v. 6c), “Jesus, cansado da , sentou-se junto a um poço” (v. 6b). Concomitante, “uma mulher da Samaria veio tirar água” (v. 7a). Após um diálogo

¹⁴ DANTAS, J. A. S. . Criação, migração e injustiça: um ensaio ecoteológico e literário de Sl 42–43. Estudos Bíblicos, São Paulo, v. 39, n. 147, p. 112–123, 2024. DOI: 10.54260/eb.v39i147.973. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/973> . Acesso em: 24 abr. 2025.

sincero, surge uma ordem inusitada, da parte de Jesus: “vai chamar teu marido e vem aqui” (v. 16b). Impressiona, mais uma vez, a ironia joanita. Em (v. 7b) ao ouvir o pedido de Jesus: “dá-me de beber”, a mulher nada fez e ficou latente sua ignorância diante dele. Desta vez, em (v. 15b) ao ouvir o pedido da mulher: “Senhor, dá-me essa água, para que eu não tenha sede nem venha aqui tirá-la”; é Jesus quem finge não a entender. O diálogo, porém, continua, na medida em que o interrompe, ao ordenar: “vai chamar teu marido e vem aqui” (v. 16b). A resposta da mulher racionaliza a mudança brusca de tema, promovida por Jesus em (16b). E quando a mulher responde: “não tenho marido” (v. 17b), então, Jesus declara:

Tabela 8. Citação versículo e sua tradução

Em Grego	Versículo	Em português
«Εἶχες πέντε άντρες και αυτός που έχεις τώρα δεν είναι δικός σου...»	(Jo 4,18ab)	“Tiveste cinco maridos e o que tens agora não é teu...”

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Vejam: mais uma vez é latente em (v. 18ab) a presença de um novo sinal. A mulher da Samaria, na condição de representante de seu povo, já havia contraído cinco matrimônios, o que contrapunha a moral “dos rabinos que só permitiam três casamentos sucessivos”(BEUTLER ,2016, p.120). De um lado, a numerologia apresentada deseja dialogar com os ouvintes / leitores. A cena cresce a modo de espiral. Em princípio, a resposta da mulher à Jesus fora: “não tenho marido” (v. 17b); em seguida, Jesus declara: “tiveste cinco maridos” (v. 18a) e, por fim: “o que tens agora não é teu” (v. 18b). Cinco mais um é igual a seis. O resultado desse cálculo nas escrituras, aponta para Adão, uma vez que, foi no “sexto dia que o Senhor o criou” (Gn 1,26.31). Imagina-se que, tal qual acontece com os descendentes de Adão, o mesmo aconteceu com aquela mulher da Samaria: latente desejo de felicidade, aliado ao inconformismo de finitude. No entanto, frente a ela estava o “noivo” (Jo 3,29), (vide página 08) que veio para ficar! Seis é “imperfeito, mas aponta para a perfeição”(COUTO ,2014, p.60), eis, portanto, um novo sinal. No mais, ao responder a Jesus: “não tenho marido” (v. 17b), fica a deixa para que

Jesus lhe revele sua vida particular, confirmando à mulher que ela não está diante de um judeu comum”¹⁵.

De outro lado, na condição de representante de um povo, ao mudar a temática de maneira instantânea, Jesus o faz por ter ciência da história da sua terra. Sabia, todavia, que a capital do Norte era Samaria, esta última, segundo a história, recebeu fortes investimentos, sobre a época de Omri – 886-875 – (Cf. 1Rs 16,24). O leitor sabe que neste encontro há duas personagens – Jesus e a mulher –, mas que não se limitam a representar a própria individualidade. Ambas carregam o teor do coletivo. Jesus, por ser “enviado do Pai” (Jo 3,16) e a mulher por ser representante dos samaritanos (Jo 4,7). No fundo Jesus pretende que a mulher, enquanto ser coletivo, “reconheça sua situação, para com ela romper e a ruptura não pode ser genérica” (MATEOS; BARRETO, 1998, p. 226). O número de maridos atribuídos por Jesus a samaritana representa o número de povos trazidos para a Samaria pelos assírios (Cf. 2Rs 17,24-41).

Ainda vale ressaltar um pormenor literário. Trata-se da expressão verbalizada pela mulher: “não tenho marido” (v. 17b). O leitor do Quarto Evangelho, certamente encontra-se familiarizado com ela. Em (Jo 2,3) a mãe de Jesus disse: “Eles não têm vinho”; em (Jo 5,7) por ocasião da cura de um paralisado, ao questioná-lo é imediatamente surpreendido pela palavra: “Senhor, não tenho ninguém que me jogue na piscina quando a água se agita”; e, por fim, em (Jo 21,5) quando o ressuscitado na praia aparece e ao se aproximar dos discípulos, pergunta: “Filhinhos tendes algo para comer? Responderam-lhe: Não”!¹⁶

Por fim, imagina-se mais um avanço neste pequeno trecho literário em (v. 18ab), e a conclusão disto está em (v. 25): “sei que virá um Messias chamado Cristo”; quando a mulher o vislumbra na categoria de Messias, e, Jesus, por sua vez, se apresenta como tal: “Sou eu, que estou falando contigo” (v. 26); então, percebe-se o avanço que Jesus obteve neste diálogo junto a mulher da Samaria. Aqui em (v. 26) e em (Jo 18,5) ecoa a expressão: “Sou eu...”. Mas, desliza na literatura joanita em novos percursos literários esta mesma expressão, agora, organizada no seu oposto. Ao colocar primeiro o pronome: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6,36.41.48.51); “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12; 9,5); “Eu sou a porta” (Jo 10,7.9.11.14); “Eu sou o bom pastor” (Jo 10,11.14); “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11,25); “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6);

¹⁵ Cf. *O que Jesus ofereceu à mulher samaritana – uma exegese de João 4 segundo a tríade hermenêutica*. Norval da Silva. p. 8.

¹⁶ Cf. Este horizonte temático possui como base aquele presente na obra: COUTO, D António. *Quando ele nos abre as escrituras*. p. 60.

“Eu sou a videira verdadeira” (Jo 15,1.5). Ou seja, Jesus paramenta-se com sete metáforas fortes: pão / luz / porta / pastor / ressurreição e vida / caminho, verdade e vida / videira. E passeando por entre elas, dezesseis vezes, ratifica: “Eu sou” ou “Sou eu!

Adoração: *Caráter universal*

Antecede a palavra de Jesus presente em (Jo 4,21c) aquela proferida pela mulher: “nossos pais adoraram neste monte, mas vós dizeis que em Jerusalém está o lugar onde se deve adorar” (v. 20). A mulher acreditava que o princípio da verdadeira adoração passa pelo lugar físico. Nota-se, por exemplo, a insistência por parte dela ao resgatar a expressão: “nossos pais adoraram neste monte” (v. 20a); uma clara referência ao monte Garizim. Lugar escolhido por ter sido palco de bênçãos proferidas, antes de entrar na terra prometida (Cf. Dt 11,29). Pois à época os samaritanos foram veementemente proibidos de ajudar a construir o segundo Templo (cf. Esd 4,1-3). Quer dizer, ora a mulher apela à geografia, ora aos antepassados. Então, normativamente, é bom que fale o profeta, uma vez que este último, “não falará em nome próprio, mas somente o que Deus quer que seja dito”¹⁷.

Tabela 9. Citação versículo e sua tradução

Em Grego	Versículo	Em português
«Ούτε σε αυτό το βουνό ούτε στην Ιερουσαλήμ θα προσκυνήσετε τον Πατέρα».	(Jo 4,21c)	“Nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai”.

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

O leitor sabe, neste caso, qual é o parecer de Jesus. Ao aproximar-se da tabela, verá que, no ver dele, não há segregação no ato de adorar. Dito em outras palavras, em nada o 'culto judaico' é superior ao 'culto samaritano'. É verdade que no início do colóquio, com a expressão: “a salvação vem dos judeus” (v. 22c), há um aceno favorável a Jerusalém. Contudo, importa distinguir entre o 'ponto de partida' e a 'meta'. Assim sendo, a vontade de Jesus, que é a vontade

¹⁷ Cf. Estudo de ordem técnica-literária e profundidade teológica desenvolvida em “*Moisés e os discípulos de Jesus não falam por si (Ex 4,12; Mc 13,11; Mt 10,19; Lc 12,12; Jo 14,26)*”. GRENZER, Matthias y SANTOS DANTAS, José Ancelmo. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/frcn/v61n171/0120-1468-frcn-61-171-175.pdf>. p 175-191.

de seu Pai, consiste na realização de um culto, capaz de superar limites geográficos e barreiras sanguíneas. Embora se guardem boas lembranças de Jerusalém, vale frisar o que em seu Templo aconteceu: “Tirai isso daqui. Não façais da casa de meu pai uma casa de comércio” (Jo 2,16b).

Quer dizer, "Jerusalém também estava contaminada; sobre esta cidade, podia-se dizer o que tantas vezes dissera a poética hebraica: “eu confesso que é esta a minha dor, a mão de Deus não é a mesma, está mudada” (Sl 77,11). Contudo, se o lugar de adoração não será mais “nem neste monte, nem em Jerusalém” (v. 21c onde, ou qual será o lugar por excelência para o ato de adoração?? O novo “Santuário”. Sobre este, é dito: “Destruí vós este santuário, e, em três dias eu o erguerei” (Jo 2,19).

Portanto, será o “Santuário do seu próprio corpo” (Jo 2, 21), é promessa: “quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32). Em (v. 21c) há, portanto, a presença de mais um sinal. O físico e o geográfico cedem lugar, ao contemplativo, coletivo e universal. Na hora do Filho de Deus, todos, exatamente todos, podem e devem entrar, inclusive, o “vós” que lembra os “samaritanos” (Jo 4,22a), o “nós” recordando os “judeus” (v. 22b) e, até “os gregos” (Jo 12,20), pois, “Vem a hora¹⁸ e é agora, na qual os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, pois o Pai procura esses adoradores” (Jo 4,23). Com o progresso hermenêutico do colóquio, e, portanto, a interiorização do mesmo, por parte da samaritana, os discípulos que haviam saído para “comprar” (v. 8) não haviam entendido que o encontro entre Jesus e a mulher da Samaria tinha como base o verbo “dar” (v. 7b). O primeiro aponta para o consumo, e o segundo para a partilha, base para a “fraternidade”¹⁹. Os discípulos ao voltarem “se assombraram demonstrando a inferioridade da mulher”, porém esta tese é rejeitada por Jesus. Este, na condição de profeta, entrou na fileira de seus irmãos e semelhante a Oseias que: “levou o povo para o deserto, Jesus no deserto está, e, ao coletivo dos samaritanos, representado pela mulher, ali, lhes fala na solidão, mas ao coração. De modo que, Samaria possa voltar” (Os 2,16). De fato, Samaria voltou, pois “eles saíram da cidade e foram até ele” (v. 30).

DISCIPULADO: *Comportamento pessoal e coletivo*”

¹⁸ Do verbo no presente (*érkhetai*), o mesmo que futuro próximo.

¹⁹ Cf. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Santo Padre **Francisco** sobre a fraternidade e a amizade social – parágrafo 114, disponível em : https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

Muito provável que com os (vv. 39-42), o leitor do Quarto Evangelho encontre-se diante de uma nova unidade literária, cuja temática é apresentada em (v. 39a): “muitos samaritanos creram nele, por causa da palavra da mulher que testemunhava”. Mas, o que dizia a mulher da Samaria a respeito de Jesus? Ilustra o (v. 29): “vinde ver um homem que me disse tudo quanto eu fiz! Quem sabe este é Cristo”? “Dizendo como diz”, a mulher da Samaria tornou-se essencialmente discípula. Isto é, não guardou o que ouviu e recebeu para si. Pelo contrário, saindo de si, levou a mensagem até o povoado. Chegando, portanto, ao sétimo e último sinal na micronarrativa de (Jo 4, 5a; 6a; 6c; 7b; 18ab; 21c; 39b).

Tabela 10. Citação versículo e sua tradução

Em Grego	Versículo	Em português
«Μου εἶπε ὅλα ὅσα ἔκανα».	(Jo 4,39b)	“Ele me disse tudo o que fiz”.

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

A ida da mulher (v. 28a) constitui um claro contraponto ao comportamento dos discípulos. Esse dado no texto merece observação: preocupados com a sobrevivência do corpo, os “discípulos saem para comprar” (v. 8), porém saem de onde nunca deveriam ter saído. Já a mulher, representante de um povo pagão, também sai, mas para 'anunciar' (v. 39a). Esta última exerce uma postura de apostolado Além disso, é dito que, assim que os samaritanos ouviram a mulher, foram até Jesus e lhe pediram que permanecesse entre eles. E ele permaneceu lá dois dias" (v. 40). Essa cena se equipara à moldura literária de cunho vocacional presente em (Jo 1,38-39). Ao ouvir de João a máxima: “Eis o Cordeiro de Deus”, os dois discípulos puseram-se a seguir Jesus. Voltando-se e notando que eles o seguiam, disse-lhe: que procurais? Eles, então, lhe disseram: Rabi – que, traduzido, se diz ‘Ó, Mestre’ – onde permaneces? Ele lhes disse: Vinde ver! Então eles foram e viram onde ele permanecia, e permaneceram com ele aquele dia. Era por volta da hora décima”. Em todo caso, os samaritanos começaram a crer, primeiro por causa da palavra da mulher (v. 39a), e depois, porque tiveram experiência com Jesus, enquanto “salvador do mundo” (v. 42b).

Por fim, a mulher samaritana, que recebe a credencial de discípula (v. 39b), constitui, portanto, o sétimo e último sinal. O protagonismo inicial coube a Jesus, foi ele quem iniciou o diálogo (v. 7b). Os samaritanos, ao permanecerem junto a ele por cerca de dois dias, também se convenceram (v. 40). No entanto, nada disso seria possível, caso a mulher encontrada por Jesus no poço em Sicar (v. 5a) não fosse à cidade anunciar (v. 28). Se a permanência dos samaritanos junto a Jesus faz o leitor do Quarto Evangelho lembrar da vocação dos primeiros discípulos, então a atitude da mulher samaritana, ao anunciar com urgência a presença do Messias, remete ao dinamismo missionário daqueles que, tendo encontrado Jesus, não hesitam em proclamar sua mensagem e levar outros ao encontro com Ele.

A corrida da mulher da Samaria provoca no leitor joanita a lembrança do passo apressado de Maria Madalena (Jo 20,18), da pressa de Marta (Jo 11,21), irmã de Lázaro, bem como da permanência de Maria, mãe de Jesus, junto à cruz (Jo 19,26). Ou seja, molduras diversas, comportamentos semelhantes, missão uníssona: cada personagem, a seu modo, tenta desenvolver seu discipulado.

Considerações Finais

O presente estudo sobre a micronarrativa de João 4, 5a, 6a, 6c, 7b, 18ab, 21c e 39b constitui uma unidade literária precisa. Nesta, o ouvinte/leitor encontra sete grandes sinais dentro da macronarrativa de João 4, 1-42. Acredita-se que, por meio desses sinais, a prosa poética ganha corpo e desenvolve seu tema, cumprindo assim sua finalidade hermenêutica e literária. Elementos importantes devem ser considerados: “o lugar” (v. 5a), “o local” (v. 6a), “uma hora” (v. 6c), “sinal e símbolo” (v. 7b), “a matemática” (v. 18ab), “adoração” (v. 21c) e “discipulado” (v. 39b). As personagens exercem seu protagonismo respeitando suas devidas posições, sendo a primeira e mais importante Jesus. Ele teve a necessidade teológica de “querer passar pela Samaria” (v. 4a), ir ao “poço de Jacó” (v. 6a) e “pedir de beber” (v. 7b). Desenvolveu uma conversa (v. 10), que mais tarde seria repetida por Felipe (At 8,5-25), foi “conselheiro” e “confessor” (v. 13a), “profeta” (v. 19a), “catequista” (v. 23), “provedor” (v. 32), “agricultor” (v. 35c), “campesino” (v. 37), “exegeta” (v. 36b) e “amigo” (v. 40a).

Em segundo lugar, destaca-se a importância da mulher, cujo comportamento foi amplamente analisado neste estudo. Inicialmente, Deus é apresentado por Jesus como um “dom” (v. 10b),

algo ainda desconhecido para a mulher samaritana, para quem Deus, no máximo, se resumia ao âmbito do “sacro”. Com o desenrolar da narrativa, a conversa aproxima tanto os personagens que Deus deixa de ser apenas um conceito distante para se tornar um “amigo” (v. 40). Assim, o evangelho de João conclui com elegância o seu objetivo: “Já não vos chamo de servos, pois o servo não sabe o que faz o seu senhor. Antes, eu vos tenho chamado de amigos, porque tudo o que ouvi da parte do meu Pai eu vos fiz conhecer” (Jo 15,15).

A mulher, com Jesus, aprendeu que Deus é “espírito” (v. 24a) e, portanto, não depende mais da matéria. A única condição para recebê-Lo é abrir-se ao Seu Amor. Nesse sentido, os pagãos, como a mulher samaritana, tornam-se mestres em sensibilidade, capaz de reconhecer a presença de Deus na totalidade do ser.

Referências Bibliográficas

- BALDISSERA, Pe. Deolino Pedro. *Evangelho de João. Curso Bíblico* – Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Moema, São Paulo - SP.
- BEUTLER, Johannes. *Evangelho Segundo João - Comentário*, Ed. Português. Edições Loyola, 2016.
- CANIVETE, ABEL CESAR. *Jesus e a samaritana: contributo para uma teologia da reconciliação*. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16725/1/BRUTAL.pdf>. Acesso em 22/04/2023.
- CAQUOT André. E. NODET, o.p. *Essai sur les origines du judaïsme. De Josué aux Pharisiens*. In: *Revue de l'histoire des religions*, tome 210, n°4, 1993. Disponível em https://www.persee.fr/doc/rhr_0035-1423_1993_num_210_4_1459
- COUTO, Dom António. *Quando ele nos abre as escrituras*. Portugal. Editora PAULUS, 2014.
- DANTAS, J. A. S. . Criação, migração e injustiça: um ensaio ecoteológico e literário de Sl 42–43. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 39, n. 147, p. 112–123, 2024. DOI: 10.54260/eb.v39i147.973. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/973> . Acesso em: 24 abr. 2025.
- DUFOUR, Xavier Léon. *Leitura do Evangelho Segundo João I*. Palavra de Deus. Ed. Português. Edições Loyola, 1996.

GRENZER, Francisca Antonia de Farias; GRENZER, Matthias. *A untura de Jesus por Maria (Jo 12,3)*. Revista de Cultura Teológica, v. XXIV, 2016.

GRENZER, Francisca Antonia de Farias; GRENZER, Matthias. *Especiarias aromáticas no sepultamento de Jesus (Jo 19,39-40)*. Revista Paralellus, v. 9, 2018.

GRENZER, Matthias y DANTAS, José Ancelmo Santos. *Moisés e os discípulos de Jesus não falam por si (Ex 4,12; Mc 13,11; Mt 10,19; Lc 12,12; Jo 14,26)*". Franciscanum 171, Vol. LXI .2019.

JAUBERT, A. *La Symbolique du Puits de Jacob, Jean 4,12, in L'Homme devant Dieu: mélanges offertes au père Henri de Lubac*. Livello bibliográfico, francês, Paris, Aubier, 1963-1964.

MALZONI, Claudio Vianney. *Evangelho Segundo João*. (Comentário Bíblico) Editora Paulinas, 2019.

MARTINI, Carlo Maria. *Eu creio na vida eterna*. Português. Paulus Editora, São Paulo. 2013.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. Grande Comentário Bíblico.

Idioma Português. Paulus Editora, 1998.

SIBILIO, Vito. *In Evangelium Sancti Ioannis - Breve introduzione al Vangelo secondo Giovanni*. Disponível em

https://www.academia.edu/14429641/breve_introduzione_al_vangelo_di_Giovanni.

Publicado em 2015. Acesso em 15/04/2023.

VATICAN VA: *Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social*. Disponível em

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf)

[francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf). Publicado em 2020. Acesso em 15/04/2023.

MAPA

SITE <https://www.avvenire.it/> Disponível em <https://www.avvenire.it/chiesa/pagine/a-piedi-da-nazareth-a-gerusalemme>. Publicado em 2018, acesso em 15/04/2023